

**UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO-SENSU*
CURSO PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL**

SILVIA LETZOW ECKEL

**AUTONOMIA E ORGANIZAÇÃO NOS ESTUDOS:
O PAPEL DA FUNÇÃO MATERNA NA AQUISIÇÃO
DESTAS IMPORTANTES HABILIDADES**

**SÃO PAULO
2009**

SILVIA LETZOW ECKEL

**AUTONOMIA E ORGANIZAÇÃO NOS ESTUDOS:
O PAPEL DA FUNÇÃO MATERNA NA AQUISIÇÃO
DESTAS IMPORTANTES HABILIDADES**

Monografia apresentada para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional do Curso Psicopedagogia Clínica e Institucional do Programa de Pós-Graduação *Lato-sensu* da Universidade de Santo Amaro, sob orientação da Prof. Renata Munhoz.

**SÃO PAULO
2009**

SILVIA LETZOW ECKEL

AUTONOMIA E ORGANIZAÇÃO NOS ESTUDOS:
O PAPEL DA FUNÇÃO MATERNA NA AQUISIÇÃO
DESTAS IMPORTANTES HABILIDADES

Monografia apresentada para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional do Curso Psicopedagogia Clínica e Institucional do Programa de Pós-Graduação *Lato-sensu* da Universidade de Santo Amaro.

Data de Aprovação ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Renata Munhoz
Especialista
Universidade de Santo Amaro

CONCEITO FINAL: _____

Ao meu querido Papa

Transformei minhas lágrimas de saudade neste trabalho,
para que daí do céu você possa se orgulhar de mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado a vida, e saúde para voltar a estudar na maturidade...

Ao meu querido e saudoso pai, que sempre me incentivou a estudar...

À minha mãe, por ter sido uma mãe suficientemente boa...

Ao meu esposo e companheiro, pelo apoio e pela torcida...

Aos meus lindos filhos, pela compreensão nas minhas ausências e por serem meus aprendentes-ensinantes eternos...

À minha linda Carolina pela preciosa ajuda...

À minha orientadora Renata Munhoz, pela competência...

A todos os meus professores por responderem a tantas dúvidas...

À minha ajudante do lar, que sem ela eu não teria dado conta do recado...

À minha comadre Beatriz, pela assessoria com a língua inglesa...

Aos meus alunos e pacientes, e às suas mães, pelos ensinamentos e pelo incentivo...

À minha terapeuta, por ouvir minhas angústias, resignificar as minhas lágrimas, e me incentivar a criar...

E, finalmente a mim, por ter vontade e garra para aprender e ensinar sempre, fazendo de mim mesma um sujeito autor...

“Nada é, todavia, mais necessário que esta sabedoria. É a ética mesma; aprender a viver – só, por si mesmo. A vida não sabe viver de outra maneira”.

Jaques Derrida

RESUMO

A análise e reflexão sobre o papel materno na aquisição da autonomia e da organização dos estudos de uma criança é uma contribuição importante para os estudos psicopedagógicos. Através da maneira como o cuidado suficientemente bom exerce influência na formação do sujeito enquanto sujeito autônomo desenvolvemos o conceito de autonomia de acordo com a teoria de winnicottianas, percorrendo sobre o processo da independência que parte da dependência total, à dependência relativa, e finalmente à independência total da criança. Tratamos da mãe suficientemente boa e dos cuidados maternos suficientemente bons na formação do sujeito que possibilitam o existir da criança. A mãe superprotetora e a mãe ausente são figuras importantes neste processo. A organização de estudos, sob a ótica psicopedagógica, elabora o conceito de sujeito autor e a motivação impulsiona este sujeito a estudar e a organizar-se autonomamente dependendo de um ambiente facilitador interno, traduzido como auto-estima. O papel da mãe ou cuidadora na aquisição da autonomia e na habilidade em organizar-se nos estudos, assim como da responsabilidade de educadores, orientadores e psicopedagogos na construção do ambiente facilitador torna-se fundamental.

Palavras chave: Autonomia, cuidados suficientemente bons, organização de estudos, sujeito autor.

ABSTRACT

The analysis of and reflection on the role of the mother in the child's acquisition of autonomy and study organization is a significant contribution to psycho-pedagogical studies. Based on the way 'good-enough care' influences the formation of the individual as an autonomous subject, we have developed the concept of autonomy according to Winnicott's theory, discussing the process to independence, which begins with the child being totally dependent, than relatively dependent and finally totally independent. We discussed the 'good-enough mother' and 'good-enough maternal care' in the constitution of the subject that allow the child to exist. The over-protective as well as the absent mother are important elements of this process. From the psycho-pedagogical point of view, study organization is based on the authoring subject concept. Motivation drives this subject to study and organize his studies in an autonomous manner, relying on an internal facilitating environment, which is translated into self-esteem. The mother or caretaker has an essential role in the child's acquisition of autonomy and of his ability to organize his studies, as well as teachers, counselors and educational psychologists have in the creation of a facilitating environment.

Key words: autonomy, good-enough care, study organization, authoring subject.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 O QUE ENTENDEMOS POR AUTONOMIA.....	11
3 A MÃE SUFICIENTEMENTE BOA DE WINNICOTT	13
3.1 QUANDO A MÃE NÃO É SUFICIENTEMENTE BOA	16
3.2 A MÃE SUPERPROTETORA	18
3.3 A MÃE AUSENTE (OU FUNÇÃO MATERNA AUSENTE)	20
4 A HABILIDADE DE ORGANIZAR-SE NOS ESTUDOS SOB A ÓTICA PSICOPEDAGÓGICA.....	23
4.1 O QUE É MOTIVAÇÃO?	24
5 O AMBIENTE FACILITADOR	27
6 REFLEXÕES FINAIS	29
7 REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa identificar e associar o papel materno/ familiar à conquista de uma posterior autonomia e organização de estudos tão necessária ao aprendente e seu conseqüente aproveitamento escolar satisfatório. Esta questão tem nos acompanhado no exercício profissional, pois é justamente esta a área de nossa atuação. Temos buscado desenvolver essa autonomia nas crianças e, assim, acreditamos suprir um pouco a falta do papel da mãe que está prejudicado e/ou ausente. Nosso contato é com crianças e pré-adolescentes com dificuldades de aprendizagem e baixo rendimento escolar, que manifestam dificuldades em organizar-se e estudar autonomamente. Durante anos de atuação nesta área, percebemos que esta questão inquieta tanto a escola quanto as famílias, o que justifica o interesse ao tratar desse tema.

A queixa de que as crianças não sabem se organizar e estudar sozinhas é recorrente, tanto nas escolas quanto nas famílias. Deste modo, acreditamos que o tema desta pesquisa seja pertinente ao psicopedagogo de forma a auxiliá-lo na atuação como orientador junto as mães, as crianças, e as mais diversas instituições escolares (públicas, particulares e confessionais).

Sabe-se que é fundamental o papel da mãe desde os primeiros anos de vida da criança, como estimuladora e facilitadora para a aquisição de uma atitude responsável, frente às pequenas atividades do dia a dia e, posteriormente, em suas obrigações escolares. Tanto a atitude da mãe superprotetora (que não permite que a criança faça), quanto a da ausente (que não estimula a criança a fazer), contribui de uma maneira nociva ao desenvolvimento desse indivíduo. A criança precisa aprender a fazer, para isso necessita de exemplos e de estímulos. Na ausência desse exemplo, e desse estímulo, ou sentindo-se incapaz de realizar algo sozinha (no caso da mãe superprotetora), o filho perde as referências. A mãe deveria permitir ao seu filho que cresça. Na medida em que cresce e conquista o fazer de pequenas coisas, acreditamos que a criança tenha alcançado a tão sonhada autonomia.

Mas então, o que entendemos por autonomia, e por que ela se faz tão necessária à vida escolar do sujeito? Ser autônomo é ser capaz de tomar as próprias decisões em cada situação da vida.

Vemos que organização e autonomia estão diretamente ligadas, e que são requisitos básicos para a obtenção de bons êxitos nos estudos.

Para estudar, a pessoa precisa ter um sentido de organização e a liberdade de fazê-lo ou não. No começo, os pais devem monitorar seu filho para criar o costume dentro dele até que tenha condições de tomar a responsabilidade como sua (TIBA, 1996, p. 91).

Ter disciplina, demanda de um longo treino. É mais fácil estudar quando se tem disciplina. Pessoas disciplinadas não têm sucesso só para os estudos, mas também em outros segmentos importantes de sua vida.

A pergunta norteadora desta pesquisa refere-se sobre o papel da mãe/ família na aquisição da autonomia e organização de estudos de uma criança. As hipóteses elaboradas até o momento, permitem-nos considerar que quando a mãe é suficientemente boa permite e estimula seu filho a desempenhar determinadas tarefas, e essas passam a ser responsabilidade dele, ela cria um ambiente facilitador para que a autonomia dessa criança se desenvolva; por outro lado, supermães que realizam tudo por seus filhos, criam pessoas desorganizadas e dependentes; e ainda mães ausentes (definimos ausente tanto fisicamente, ou com uma atitude permissiva) privam seus filhos de exemplos e estímulos, e podem com isso, criar indivíduos desorganizados, desmotivados e que podem apresentar dificuldades em seus estudos.

Os objetivos desta pesquisa incluem a identificação do papel da mãe/ família na aquisição da autonomia e organização de estudos da criança, e especificamente a capacitação do psicopedagogo na orientação das mães, da escola, e das crianças no sentido de desenvolver um ambiente facilitador para a aprendizagem da autonomia e organização de estudos da criança.

2 O QUE ENTENDEMOS POR AUTONOMIA

Num ambiente que propicia um segurar (holding) satisfatório, o bebê é capaz de realizar o desenvolvimento pessoal de acordo com suas tendências herdadas. O resultado é uma continuidade da existência, que se transforma num senso de existir, num senso de *self*, e finalmente resulta em autonomia (WINNICOTT, 2005, p. 11).

Com o desenvolvimento da motricidade, que permite a criança alcançar objetos, pessoas e lugares, sem precisar da ajuda de um adulto, surge a comunicação e a interação. Assim, ela torna-se auto-suficientes nas mais diversas situações.

Em filosofia, a autonomia confunde-se com o conceito de liberdade, consistindo na qualidade de um indivíduo tomar suas próprias decisões, com base em sua razão individual. É importante o quanto este sujeito se sinta “vivo”, vivendo sua própria vida, com erros, sucessos, e fracassos, mas que se sinta responsável por suas ações.

Para este trabalho, usaremos o conceito de indivíduo independente de Winnicott (1983), que apresenta:

Quando a criança se torna capaz de aceitar algumas características da mãe, e mediante a sua incapacidade de atender integralmente as suas necessidades, percebe que sua mãe não é ele, e assim gradualmente vai formando um *self*, conquistando a sua independência, atendendo as suas próprias necessidades (WINNICOTT, 1983, p.).

A este conceito, adicionamos a idéia de que autonomia está relacionada à liberdade, como para a filosofia. Se, pois, a criança em idade escolar tem a capacidade de escolher e tomar as decisões em sua vida escolar, e em suas obrigações, valendo-se de sua razão individual, e é autora de suas decisões baseadas em seus próprios pensamentos, a ela chamamos de sujeito autônomo.

Cabe então a pais e educadores (os quais a psicopedagogia chama de ensinantes), propiciar as condições necessárias ao desenvolvimento deste sujeito autônomo, pois é deste tipo de indivíduo, que carece a sociedade moderna atual.

O sujeito que seguro de si, reflete, questiona e decide, porém seguro de suas convicções baseia-se na sua liberdade individual e na responsabilidade sobre o coletivo.

3 A MÃE SUFICIENTEMENTE BOA DE WINNICOTT

Winnicott (1983) se refere à independência, que nós tomamos aqui como sinônimo de autonomia, como um processo inato, que é o crescimento e desenvolvimento das funções do corpo e o desenvolvimento emocional. Porém, para que haja um desenvolvimento emocional satisfatório, se fazem necessárias condições ambientais satisfatórias suficientemente boas, que serão detalhadas no capítulo seguinte.

O processo rumo à autonomia é constituído basicamente em três etapas: dependência absoluta (que se realiza a partir do que ele chama de dupla dependência), dependência, e, por conseguinte, a independência.

Segundo Winnicott (1983) a pessoa emergiu da dependência para a independência, ou autonomia. Daí a importância do papel da pessoa que assume a função materna nos primeiros estágios de vida de um bebê. Quanto maior a sensibilidade dessa pessoa para atender as necessidades dele, maior o sucesso da adaptação desse sujeito ao ambiente.

A dupla dependência se dá nos primeiros estágios de vida do sujeito. É a dependência do bebê em relação à sua mãe e vice-versa. Essa dependência é física e emocional. Nesse momento, os dois ainda são um só, não existe ainda a consciência dessa dependência, que Winnicott (1983) chama de absoluta.

Para o bebê neste estágio, o seio e a mãe são parte dele, são a extensão do seu corpo, por sua vez, a mãe está ali para atender todos os seus desejos e assim o faz (adaptação da mãe).

Assim, gradualmente, a mãe vai se adaptando e percebendo as necessidades do bebê e se afastando. Na medida em que o bebê sente que alguém cuida de suas necessidades “cria” a imagem da mãe em sua mente e começa a perceber que sua mãe está separada dele. É iniciado, a partir disto, o processo de independência, que produz no sujeito um conceito de si mesmo (*self*) e do mundo.

Winnicott (1983) afirma que a passagem da dependência absoluta à independência, só acontece se a mãe (ou quem exercer a função materna) for muito sensível às necessidades da criança.

Winnicott (1975) chama de mãe suficientemente boa (pode não ser a própria mãe), aquela que progressivamente vai se adaptando às necessidades do bebê. No

princípio, a mãe vai satisfazendo completamente as necessidades dele e de uma forma gradativa, vai se adaptando na medida em que ele consiga lidar com os fracassos dela em satisfazê-lo e tolerar a sua frustração. Segundo ele, a própria mãe é a mais indicada para ser a mãe suficientemente boa, pois já durante a gravidez, principalmente no final, ela começa a desenvolver um processo de identificação com seu bebê, tecendo com ele uma relação íntima e forte.

Na identificação, mãe e filho são um só, o bebê faz parte da mãe e ela dele. Ainda após o parto (onde culmina este estado), nos primeiros dias de vida da criança, isto se mantém, pois a mãe praticamente “esquece” de si mesma e de suas necessidades para satisfazer plenamente as do filho. A amamentação, os cuidados da higiene e da saúde, o choro, e o sono, são as preocupações da mãe durante os primeiros dias de vida do bebê, como afirmamos anteriormente. Para isto, ela abdica dos cuidados de si mesma e de seus interesses. A mãe sabe e sente o que o bebê precisa porque de alguma forma ela consegue se colocar no lugar dele. Winnicott (1975) chama esta mãe de “devotada”, que dá sustentação ao recém-nascido, inclusive com o ato concreto de segurá-lo nos braços. Originalmente, este segurar, chamado de “*holding*”- inicia-se no segurar da vida intra-uterina, e gradualmente se amplia, até os cuidados do bebê, incluindo o seu manuseio e o próprio ato de segurá-lo nos braços.

Num ambiente que propicia o segurar satisfatório, o bebê é capaz de realizar o desenvolvimento pessoal de acordo com as suas tendências herdadas. O resultado é uma continuidade da existência, que se transforma num senso de existir, num senso de self, e finalmente resulta em autonomia (WINNICOTT, 2005, p.11).

Ao satisfazer quase que completamente as necessidades do seu filho, a mãe suficientemente boa torna-se boa condição ambiental, o que Winnicott (2005) chama de preocupação materna primária. Segundo a sua teoria, para que o bebê venha a ser, dois fatores devem coexistir: o potencial do bebê e o ambiente.

Segundo Winnicott (2001), para que o bebê se individualize, é preciso que, nos estágios iniciais, seja totalmente amparado e seguro. A mãe deve manter cuidados regulares para que a vida do recém-nascido tenha um ritmo, e aos poucos o bebê possa antecipar o que se passa consigo e fora dele.

Ainda segundo Winnicott (2005), os espaços entre estes cuidados e os eventuais “fracassos” maternos, servirão para que o bebê se adapte disponibilizando dos seguintes meios:

- Suportar um limite curto de tempo entre a repetição dos cuidados da mãe.
- Perceber um ritmo crescente processo nestes cuidados.
- Iniciar as primeiras atividades mentais.
- Se ocupar de seu próprio corpo, mexendo as mãozinhas, por exemplo, o que é chamado de satisfações auto-eróticas.
- Recordar, reviver fantasias e sonhos. Através disto, o bebê “recorda o passado e integra o presente ao futuro” (WINNICOTT, 1975, p. 25).
- Relacionar-se com a realidade e concebê-la através deste processo de adaptação.

A adaptação da mãe às necessidades do bebê, quando suficientemente boa, dá a este a “ilusão” de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar. Ocorre uma sobreposição entre o que a mãe supre e o que a criança poderia conceber (WINNICOTT, 1975, p. 27).

O que ocorre não é só a constituição do bebê, mas este também produz marcas e efeitos na mãe.

Segundo a Revista *Mente e Cérebro* (2008), a marca se produz num entre: ela é efeito de um encontro. Neste espaço de encontro entre a mãe e o bebê, que Winnicott (2001) chama de espaço transicional, ocorrem os fenômenos transicionais.

O conceito de maternagem suficientemente boa leva em consideração as necessidades, os recursos, o ritmo de cada criança no seu processo particular e individual de adaptação, portanto não há condição para que se elabore uma forma para que as mães possam alcançar esta condição. Mães suficientemente boas são mães satisfeitas e apoiadas. Segundo Winnicott (1975), estas mães necessitam de um companheiro para ampará-las, durante a fase da preocupação materna primária. Vale lembrar que as teorias winnicottianas, se baseavam no modelo de família nuclear tradicional, hoje em dia nem mais tão comum.

A troca, a composição e a construção do *self* do sujeito, ocorrem nos espaços transicionais de Winnicott (1975). Neste ponto é que esta teoria, encontra-se com a

Psicopedagogia e oferece a possibilidade de refletir sobre o conceito de sujeito com autonomia de pensamento, ou seja, o sujeito autônomo, abordado neste trabalho.

3.1 QUANDO A MÃE NÃO É SUFICIENTEMENTE BOA

Segundo Winnicott (1993), só a mãe é capaz de saber o que, e como o bebê está se sentindo, pois qualquer pessoa está fora da experiência da “preocupação materna primária”. Somente ela tem a capacidade de fazer a coisa certa. “As mães que não tem essa tendência de prover cuidado suficientemente bom, não podem ser tornadas suficientemente boas pela instrução” (p. 48).

Em alguns casos, porém, esta realidade pode ser afetada por dois distúrbios extremos:

- Quando a mãe está extrema e exclusivamente voltada a interesses próprios e está incapaz de abdicar disso para atender às necessidades de seu bebê. Esta mãe tem dificuldade de desmamar o seu bebê porque na verdade nem houve identificação com seu filho, portanto o desmame perde seu significado.
- O segundo tipo é aquela mãe que está sempre preocupada, mas essa preocupação é patológica, que permanece preocupada com seu bebê por um tempo demasiadamente longo. Esta mãe, a que Winnicott (2005) chama de “patologicamente preocupada”, interrompe abruptamente esta preocupação e volta a preocupar-se com coisas anteriores ao nascimento do seu filho.

Vale observar que é difícil para algumas mulheres, alcançar o desenvolvimento da preocupação materna primária, e também de retornar à sua própria vida e aos seus interesses, nestes casos podem surgir algumas patologias como as depressões pós-parto, por exemplo.

Para Winnicott (2005), uma criança só vai se desenvolver na presença de uma mãe suficientemente boa.

Se a maternagem não for boa o suficiente, a criança torna-se um acumulado de reações à violação. O verdadeiro self não consegue se formar, ou permanece oculto por trás de um falso self que a um só tempo quer evitar e compactuar com as bofetadas do mundo (p24.).

Se a criança não recebe o apoio do ego da mãe, ou se este ego é fraco ou intermitente, Winnicott afirma que a criança não consegue desenvolver-se, não consegue estabelecer-se como pessoa. Nestas condições, (na verdade, na falta delas) foram relatados problemas nas crianças como, por exemplo, inquietude, estranhamento, apatia, inibição e complacência.

A função materna insuficiente vai caracterizar-se por:

- Um holding deficiente.

O holding deficiente produz extrema aflição na criança, sendo fonte: da sensação de despedaçamento, da sensação de estar caindo num poço sem fundo, de um sentimento de que a realidade não pode ser usada para conforto interno e de outras ansiedades que são classificadas como psicóticas (p.27).

- Uma manipulação deficiente, que vai acarretar deficiências no tônus muscular e na coordenação motora, além de dificuldades de esquema corporal, na imagem corporal e no reconhecimento de como funciona seu próprio corpo.
- Falhas na apresentação de objetos provocam um bloqueio na capacidade da criança em sentir-se real dentro do mundo, com seus fenômenos e seus objetos.

Segundo a teoria de Winnicott (2001), se o cuidado não for o suficientemente bom, então o bebê passa a não existir, não há a formação do self, e a sua personalidade é formada através das reações às irritações do meio. Segundo ele, apesar de não ser possível tornar uma mãe suficientemente boa através da instrução, pois essa já tem esta tendência, é possível habilitá-las a fazer o melhor, cuidando de si mesmas, e assim reconhecer a verdadeira natureza de sua tarefa.

3.2 A MÃE SUPERPROTETORA

Vimos que o existir, só se torna possível através de um cuidado suficientemente bom. O não existir pode ser fruto de um cuidado superprotetor.

A mãe superprotetora é aquela que impede o processo de busca da auto-identidade do seu filho. É a mãe que protege em excesso, não permitindo que a criança explore o mundo, faz as coisas pela criança e não o permite pensar. Esta mãe, não possibilita as condições para que seu filho faça suas próprias escolhas, não permitindo que a criança enfrente as consequências de seus comportamentos e ações.

Nos casos em que a mãe se realiza, única e exclusivamente, através da maternidade, torna-se difícil para ela, aceitar que seu filho está crescendo e comece a ficar mais independente, como por exemplo, alimentar-se, tomar banho, ou trocar de roupa sozinho. Para ela, é como se não pudesse mais cuidar do filho que se tornou a única fonte de satisfação. De repente, ela tem a sensação de grande inutilidade. Ao realizar as tarefas pelo filho, quando este já é capaz de cumpri-las, ela o “atropela” e passa para ele a mensagem de que ele é incapaz.

As crianças têm prazer no processo da execução das tarefas e não, somente, nos resultados, como é o caso dos adultos. Por exemplo, quando observamos a alegria de uma criança ao calçar e amarrar os sapatos, vemos que a atividade em si é que lhe dá prazer, a ponto dela tirar o sapato e recolocá-lo várias vezes, e não o fato de estar calçada para ir à escola. A mãe apressada e superprotetora tomam o sapato das mãos da criança e os calça, com o objetivo de “ganhar tempo” e melhorar a qualidade da tarefa. Assim, a mensagem que a criança recebe é que ela é incapaz, impotente, que o resultado é o que importa e não o processo.

Como afirma Içami Tiba (1996),

Tamanha dedicação materna leva a criança a deslocar a sensação do prazer que seria da realização para o da recepção [...] Caso a mãe não estimule a criança a tomar a iniciativa, não elogie as tentativas, e pelo contrário, faça primeiro o que o filho poderia executar sozinho, essa mãe estará prejudicando o desenvolvimento infantil (p. 37).

Neste caso, a criança se sente incapaz de fazer a tarefa e tem como conseqüência a autoestima diminuída. Tiba (1996) afirma que ser mãe demanda, acima de tudo, tempo, pois se ela estimula e incentiva seu filho a arrumar os brinquedos, por exemplo, deve permitir que a criança o faça dentro do seu limite de tempo, pois provavelmente ela passará um bom tempo colocando e retirando os seus bonecos do cesto, tendo prazer nesta atividade e não em ver a sala de visitas arrumada (que é o produto da atividade e o prazer da mãe).

Quando a mãe delega uma atividade ao seu filho, deposita nele a confiança e que ele tenha a responsabilidade em realizá-la. Com isto, ela reconhece a capacidade da criança em realizar a tarefa. Em contrapartida, quando a mãe realiza as tarefas pela criança, retira dela a confiança em sua capacidade e a responsabilidade em executá-la. “Não sei fazer, portanto não preciso fazer, então, minha mãe faz”, é o pensamento e o julgamento que a criança acaba formando e interiorizando.

A atitude materna de superproteção, além de prejudicar a atitude da criança para a realização de suas tarefas, diminui sua autoestima e principalmente o desenvolvimento da autonomia. Anos mais tarde, a própria mãe se queixará da falta destas características em seu filho. Inconscientemente, com suas atitudes superprotetoras, ela contribuiu para esta faceta da personalidade da criança.

Içami Tiba (1996), alerta que a mãe superprotetora não prepara seus filhos para arcarem com suas responsabilidades. Uma criança se sente extremamente gratificada quando consegue realizar suas próprias necessidades, desta forma ela eleva sua auto-estima porque gosta de si mesma, pelo fato de conseguir realizar suas atividades. Quem já não presenciou a expressão de alegria e prazer de uma criança ao amarrar seus sapatos ou tomar banho sozinha? Tiba chama isto de auto-realização. “Cada tarefa resolvida funciona como um brinquedo novo que a criança se dá de presente e quer mostrar para todo mundo” (p. 35).

A superproteção, não traz conseqüências só para o filho. Na medida em que diminui a auto-estima da criança e tolhe a sua capacidade de resolver seus problemas, com o passar do tempo, a mãe se sentirá esgotada, visto que somado aos seus afazeres normais, como o trabalho, os cuidados da casa e de outros filhos, ela ainda se sente responsável pelas responsabilidades escolares do filho.

É comum termos queixas de mães pelo acúmulo de tarefas e pela “ameaça” da repetência escolar, como se elas é que frequentassem o colégio. Por outro lado,

seus filhos, muitas vezes nem se dão conta que as escolas, as tarefas, os trabalhos, as avaliações e todos os afazeres escolares são sua única responsabilidade. Até então, a mãe fazia tudo por eles, então porque mudar?

Deixando de cumprir suas tarefas, e a mãe as assumindo, surge então o filho “folgado” (TIBA, 1996, p.38). Segundo o autor, há um casamento do folgado (que deixa de fazer), com o sufocado (a mãe que sente obrigação de fazer). A briga de custos é a briga da escravidão. A mãe torna-se escrava das necessidades e vontades do filho. E o filho torna-se impotente, portanto escravo do atendimento da mãe. Filhos de pais superprotetores se tornam dependentes.

O não fazer, neste caso, pode ser relacionado com o não ser, o não existir. Ora, se não faço, não tenho autonomia, portanto não existo.

3.3 A MÃE AUSENTE (OU FUNÇÃO MATERNA AUSENTE)

Segundo Lannoy Dorin (1981), a mãe ausente é aquela que abandona, que tolhe o desenvolvimento da criança ao negar-lhe presença, carinho e apoio.

Dissemos, nos capítulos anteriores, que o cuidado suficientemente bom se dá quando há uma crescente adaptação da mãe às necessidades do seu bebê e que, por sua vez, o bebê progressivamente vai se adaptando às “falhas” da sua mãe, aprendendo a lidar com as frustrações que essas falhas deste cuidado lhe causam. Ou seja, para a formação do indivíduo, é necessário que seja formado este *espaço entre*.

Winnicott define este espaço como uma área intermediária de experiência, incontestada quanto a pertencer à realidade interna ou externa (compartilhada), e que constitui a parte maior da experiência do bebê e, através da vida, é conservada na experimentação intensa que diz respeito às artes, à religião, ao viver imaginativo e ao trabalho científico criador (WINNICOTT, 1975, p. 26).

Mas, e quando por alguma razão, não houve a formação deste *espaço entre*? Winnicott (2005) afirma que na ausência do cuidado suficientemente bom, o sentido de segurança não se instala na criança, o que significa que suas expectativas podem ser frustradas e que ela ficará decepcionada com o ambiente.

No cuidado insuficientemente bom, a criança frustrada com o ambiente, não inicia uma batalha contra a segurança (Winnicott, 2005), porque obviamente a segurança não existe. Se a segurança não foi oferecida, não houve ajuda que livrasse a criança do inesperado, de um mundo estranho e não compreendido, além de não proteger a criança de seus próprios pulsos e seus efeitos. Como consequência da reação a esse ambiente, a criança perde a oportunidade de expressar-se livremente por sua própria punção, tendo prejudicado o desenvolvimento do autocontrole e a auto-estima.

Na ausência deste estado especial da mãe, a criança não consegue emergir verdadeiramente do estado original. Na melhor das hipóteses, pode desenvolver um falso self que esconde todo o vestígio que possa haver do self verdadeiro (WINNICOTT, 2005, p. 28).

O estado a que o autor se refere é o estado de preocupação materna primária quando a mãe esquece de si mesma para atender o seu filho. A mãe ausente, não é capaz de abdicar de seus interesses próprios e mergulhar neste estado de interação com seu filho.

Se o apoio do ego da mãe não existe, ou é fraco ou intermitente, a criança não consegue desenvolver-se numa trilha pessoal, o desenvolvimento passa então a estar mais relacionado com uma sucessão de reações a colapsos ambientais que as urgências internas e fatores genéticos. Os bebês bem cuidados rapidamente estabelecem-se como pessoas, cada um deles diferente de todos os outros que já existiram ou existirão, ao passo que os bebês que recebem apoio egóico inadequado ou patológico tendem a apresentar padrões de comportamento semelhantes (inquietude, estranhamento, apatia, inibição, complacência) (WINNICOTT, 2005, p. 24).

Atualmente é muito comum vermos “órfãos de mães vivas”. Filho de uma geração de mães envolvidas com suas carreiras profissionais, assoberbadas de trabalho e acúmulo de funções, essas crianças, têm muito pouco contato com suas mães. Muitas delas crescem sem a referência materna, carentes de cuidado, segurança e afeto, manifestam desde dificuldades emocionais, de convivência social, até síndromes e dificuldades de aprendizagem. Vale lembrar, que a atitude permissiva da mãe, ou de quem exerça a função materna, também pode ser compreendida como ausência, na medida em que a criança que tudo pode não se defronta com limites e referências de comportamento. É como se estivesse só, desprovida da convivência de outros e do aprendizado que as relações com o outro produz.

O filhote humano é o mais dependente da espécie animal, necessita do apoio e da segurança de seus pais por um longo tempo. Durante este tempo de dependência, ele adquire as habilidades individuais, emocionais e sociais necessárias para a sua sobrevivência, logo a ausência materna (ou de alguém que ocupe esta função) pode trazer graves conseqüências para o desenvolvimento deste indivíduo.

4 A HABILIDADE DE ORGANIZAR-SE NOS ESTUDOS SOB A ÓTICA PSICOPEDAGÓGICA

Estudar é absolutamente necessário e importante para o desenvolvimento de um ser humano. Não é algo fácil de ser realizado e demanda uma capacidade de manter uma sistematização, ou seja, um ritmo, disciplina, critério, persistência e, sobretudo, motivação. “Estudar é criar e recriar, inferir (operacionalizar o aprendido), só assim o conhecimento terá valor” (Ribeiro, 2001, p. 12).

É uma constante a queixa de pais e educadores a respeito da falta de interesse, envolvimento, dedicação e motivação dos alunos em aprender. Os alunos “sabem” que precisam estudar, mas poucos o fazem. O discurso é recorrente: Os alunos não sabem *como* estudar. A nossa experiência nos mostra que até o final do ensino fundamental I, enquanto a tarefa envolve a leitura como fim em si mesma, não encontramos maiores problemas. Estes começam a surgir a partir daí, quando a criança ou adolescente se utiliza da leitura como instrumento para a compreensão do conteúdo ensinado. É neste momento que o adolescente se “perde”, ou melhor, se desorganiza.

O perfil do aluno de hoje é diferente, é mais exigente, não aceita simplesmente assistir passivamente às aulas, quer participar de uma forma dinâmica, é mais agitado, mais crítico, mais rápido. Para ele, fruto de uma geração habituada às modernas tecnologias, não importa só reproduzir o conhecimento, o estudante moderno tornou-se mais exigente.

A questão é: Como motivar este novo estudante na escola e em casa para estudar? Ou seja, o que deve ser feito para que a criança goste de estudar e se esforce para isso? Sabe-se que “ninguém motiva ninguém, as pessoas se automotivam” (Ribeiro, 2001, p.) Portanto, o que se faz necessário é o autoconhecimento do sujeito.

4.1 O QUE É MOTIVAÇÃO?

Motivação é vontade, desejo, *Lust* para Freud (1905). É o movimento que o sujeito faz para alcançar seus objetivos. O indivíduo motivado fica mais atento e perceptivo aos estímulos do meio, possibilitando uma memorização melhor das informações, principalmente se o conteúdo estiver vinculado ao estímulo que desencadeou a sua motivação. Assim é necessário que haja um autoconhecimento para que o sujeito encontre em si mesmo o que o motiva. Para aprender, o sujeito precisa mostrar o que já sabe, para isso precisa conectar-se com o seu conhecimento interior.

O sujeito da psicopedagogia é o sujeito autor (Fernández, 2001). Quando o indivíduo aprende, aprende impulsionado pelo seu próprio desejo de conhecer. Para a autora, o sujeito ocupa a posição de aprendiz e ensinante concomitantemente, é o sujeito da autoria de pensamento.

Alicia Fernández (2001) define o sujeito autor sob três óticas:

- Como sujeito epistêmico de Piaget, que constrói suas estruturas cognitivas,
- Como sujeito desejante da Psicanálise, que aborda principalmente as questões do inconsciente e de transferência na aprendizagem,
- Como sujeito aprendiz e ensinante (sujeito autor) da Psicopedagogia, cuja abordagem é a relação entre o conhecer e o saber.

Um sujeito constitui-se como autor (processo que é contínuo, nunca acabado e iniciado antes do nascimento), a partir da mobilidade entre seus posicionamentos ensinantes e aprendentes (Fernández, 2001, p. 60).

Se considerarmos que aprender é construir espaços de autoria, e simultaneamente, é um modo de ressituar-se diante do passado, temos necessariamente que nos voltar aos primeiros estágios de vida do indivíduo, quando acontece a constituição do sujeito na relação com sua mãe. Segundo Winnicott (1983) neste estágio, o bebê começa a se constituir como sujeito na relação com sua mãe, na medida em que se cria o *espaço entre* eles, possibilitando o aprendizado de ambos. Ou seja, o bebê e sua mãe ocupando simultaneamente os papéis de ensinantes e aprendentes, porque ambos estão naquele momento criando e recriando a sua história a partir da experiência vivida. Assim como dizia a

campanha publicitária de uma grande empresa de produtos infantis, a Johnson's Baby da Johnson & Johnson "Quando nasce um bebê, nasce também uma mãe."

Se o sujeito a quem se refere a psicopedagogia é o sujeito que constrói seus espaços de autoria; para esta construção, ele necessita dispor de instrumentos internos para organizar-se internamente e transpor esta organização para seus estudos. Este sujeito, que se situa nos espaços *entre*, e os constrói (Fernández, 2001) como espaços de produção de diferenças, é o que chamamos de sujeito autônomo, que dispõe dos recursos necessários para organizar-se nos estudos. É o sujeito que contou com o cuidado materno suficientemente bom (Winnicott, 1983) nos seus primeiros estágios de vida e que, agora, como sujeito autor para aprender tem de necessariamente ressituar-se diante do passado e construir seu espaço de autoria (Fernandez, 2001). Segundo a autora, este trabalho nunca está terminado, é um construir e reconstruir permanente.

Assim é o ato de estudar, construir e reconstruir o saber, através da disciplina, da persistência, da regularidade, desenvolvendo e conquistando o hábito de estudos.

Conquistando o hábito, o estudante vai percebendo que gradativamente o estudo vai lhe assegurando uma maior segurança no seu eu, possibilitando que este assuma o seu papel de sujeito na sua história com maior segurança. Decidir-se a levar o estudo a sério, é decidir assumir uma atitude diante do mundo, pois quanto mais conhecemos, maiores são as possibilidades de superar suas contradições (RIBEIRO, 2003, p. 11).

Esta idéia se encontra com a de Fernández (2001), que afirma: Estudar é criar e recriar, inferir (operacionalizar o aprendizado).

Vale ressaltar que a aquisição da autonomia e da habilidade em organizar-se nos estudos, deve ser analisada como um processo, assim como o processo de independência de Winnicott (2001), que se inicia na dependência total e culmina com o rumo à independência.

Nos primeiros anos de sua vida escolar, ainda nos primeiros estágios da educação infantil, a criança traz suas lições da "escolinha", e tem o total apoio e acompanhamento da mãe na realização destas tarefas. A mãe senta-se ao lado da

criança, tira a folha da pasta, lê o enunciado, aponta os lápis, permanecendo todo o tempo ao lado do seu filho durante a realização da tarefa. Aos poucos, esta mãe (ou a cuidadora) se afasta para seus próprios afazeres, permitindo que a criança se depare com suas dúvidas e as resolva com suas próprias competências.

Este afastamento sofre uma ampliação conforme o crescimento da criança e deveria culminar com a total independência da criança quanto às suas obrigações escolares. É natural, porém, que ocasionalmente esta criança volte a necessitar de apoio, para retomar o processo de independência depois. Assim, como ocorre nos estágios iniciais de vida, na relação com sua mãe.

Muito normalmente, certo grau de independência pode ser diversas vezes conquistado, perdido, e novamente conquistado; é bastante freqüente que uma criança retorne à dependência tendo já sido deveras independente com um ano (WINNICOTT, 2001, p. 6).

5 O AMBIENTE FACILITADOR

Se o ambiente facilitador não for satisfatório, rompe-se a linha da vida, e as tendências herdadas, muito poderosas, não podem levar a criança à plenitude pessoal (Winnicott, 2005).

Levando em conta que:

- A criança só se desenvolve a partir de um ambiente suficientemente bom, e que este desenvolvimento se inicia a partir das tendências herdadas do sujeito, dentro de uma progressão que vai da dependência absoluta, à dependência relativa, culminando com a independência, como afirma Winnicott (2005).
- À medida que a mãe suficientemente boa, atendendo às necessidades da criança, possibilita que esta se adapte aos seus fracassos e neste *espaço* vai desenvolvendo o seu *self* (Winnicott, 1975).
- Que o conceito de sujeito autor de Alicia Fernández (2001) que adotamos como sujeito autônomo, é o sujeito ensinante-aprendente, ou seja, o sujeito da autoria de pensamento.

O ambiente facilitador é então, aquele que proporciona o apoio e a segurança necessários, mas que possibilita ao sujeito, a criação e a recriação de sua história. Ou seja, quando a mãe, ou o cuidador, ao mesmo tempo em que transmite à criança a segurança de estar por perto, mas ao mesmo tempo confia que ela tenha a capacidade de realizar sua tarefa, passa então a mensagem de que, a tarefa é da responsabilidade da criança e que ela tem todas as condições de cumpri-la.

Tiba (1996) afirma que a autorealização é fruto da capacidade de resolver suas vontades e necessidades sozinhas. Na medida em que a criança conseguir resolver sua tarefa sozinha, mais quererá fazê-lo, e maior será a sua satisfação e a sua motivação para encarar novos desafios. A este processo chamamos de hábito de estudo, que começa nos anos iniciais da escola e nunca deveria terminar.

Conquistando o hábito, o estudante vai percebendo que gradativamente o estudo vai lhe assegurando uma maior segurança no seu *eu*, possibilitando que este assuma o seu papel de sujeito na sua história com maior segurança. (RIBEIRO, 2003, p.11).

Possibilitar este espaço de autoria (Fernandez, 2001) é, pois, tarefa de pais e educadores. A este espaço chamamos de ambiente facilitador, pois é neste espaço *entre* que o sujeito se historia e conquista sua autonomia.

O ambiente a que nos referimos é, pois o ambiente *dentro*. De nada adiantam os manuais de orientação de estudos, ou discursos de pais, professores, orientadores, se não investirmos neste ambiente interno do sujeito. O que o motiva, o que o pulsiona, a sua auto-estima. Segundo Tiba (1996), auto-estima é o sentimento que faz com que a pessoa goste de si mesma, aprecie o que faz e aprove suas atitudes. Para o autor, é um dos itens mais importantes do comportamento humano e fundamental para se estabelecer a disciplina.

A disciplina é algo vivo que confere satisfação nos próprios atos de se organizar, de realizar e de colher. Cada etapa precisa ter a própria satisfação para animar a pessoa a seguir em frente (TIBA, 1996, p.162).

Para o autor, disciplinado é diferente de metódico. A disciplina é criativa, está ligada à vida, à criação, à liberdade, à autoria. A rotina para Tiba (1996) está fortemente ligada à depressão, a pessoa obedece fortemente a um ritual fora dela como se não tivesse vida própria. Assim, ter organização e autonomia nos estudos, não significa estudar todos os dias na mesma hora pelo mesmo tempo. É a manifestação espontânea que vem do interior, que permite uma resposta nova a situações repetitivas e uma resposta adequada a um estímulo novo (Tiba, 1996, p.159). É o recriar e recriar do sujeito a quem se refere Fernández (2001), o sujeito que constrói seus conhecimentos, se transforma, e transforma o ambiente que o circunda. É a criatividade de Winnicott (2005), o fazer, que, gerado a partir do ser, indica que aquele que é, está vivo. É a capacidade do indivíduo de criar e recriar o mundo. Para o autor, viver criativamente constitui um estado saudável. “Após ser, fazer e deixar-se fazer. Mas ser antes de tudo” (WINNICOTT, 1975, p. 120).

6 REFLEXÕES FINAIS

Ser um sujeito autônomo é uma condição cada vez mais exigida pela sociedade moderna. Cada vez mais, o mercado de trabalho busca não só profissionais qualificados, mas principalmente que tenham a capacidade de decisão e de agir com autonomia.

Na ânsia de formar estes profissionais que possam sobreviver a essas exigências, pais e escolas, se defrontam com o desafio de desenvolver a autonomia de seus filhos e alunos.

Através da ótica winnicottiana, este trabalho nos mostrou o papel fundamental do cuidado materno suficientemente bom na formação da autonomia do sujeito, que segundo Winnicott (2005), parte da dependência absoluta e culmina com a independência total e formação do *self*. O autor considera a maturidade como sinônimo de saúde, para ele, a maturidade que é a independência total, só é possível se houver o cuidado suficientemente bom. É este cuidado que vai se adaptando às necessidades do filho e num processo crescente possibilita que este novo ser, se transforme num sujeito seguro e capaz de pensar, decidir e principalmente agir.

Permitir que seu filho cresça enquanto indivíduo, e ao mesmo tempo, dar a segurança necessária para que transite no processo em busca da independência, é o papel da mãe enquanto criadora primordial do ambiente facilitador. Este ambiente facilitador, que é interno, onde a autoestima e a motivação propulsionam o indivíduo no enfrentamento de novos desafios.

Possibilitar este ambiente facilitador é, pois, tarefa de pais e educadores bem como de psicopedagogos, que ofereceriam a possibilidade do desenvolvimento do indivíduo como sujeito autor (Fernandez, 2001), criador e recriador de sua história ocupando as posições de aprendiz e ensinante simultaneamente. Portanto, este espaço ou ambiente facilitador é criado sob condições geradoras: a segurança. Para Winnicott, (1975), o *holding*.

A relação do indivíduo com este objeto interno junto com a confiança com relação às relações internas lhe dá auto-suficiência para viver, de modo que ele ou ela fica temporariamente capaz de descansar contente mesmo na ausência de objetos ou estímulos externos (WINNICOTT, 1975, p. 34).

Concluindo com as palavras de Winnicott (2005), o resultado de um segurar satisfatório, se transforma num senso de self e finalmente em autonomia.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNÁNDEZ, Alícia. **Os Idiomas do Aparente**: Análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

MAGRO, Marina C. **Estudar Também se Aprende**. 4ª Edição. São Paulo, 1979.

RIBEIRO, Marco Aurélio. **Como Estudar e Aprender**: Guia para Pais e Educadores. São Paulo: Editora Vozes, 2001.

TIBA, Içami. **Disciplina**: Limite na Medida Certa. 3ª Edição. São Paulo: Editora Gente, 1996.

WINNICOTT, D.W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

WINNICOTT, D.W. **O Ambiente e os Processos de Maturação**: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed Editora, 1983.

WINNICOTT, D.W. **A Família e o Desenvolvimento Individual**. 3ª Edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, D.W. **Tudo Começa em Casa**. 4ª Edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.